

## Introdução Geral

A pergunta sobre Deus não se mostrava tão problemática no tempo antigo ou medieval como em nossos dias. O ser humano vivia em um contexto em que o sagrado povoava o *cosmo* de modo encantado, oferecendo ordem e tranquilidade para o acontecer da vida e da história. Mesmo nos momentos mais difíceis da vida a vontade de Deus aparecia como a que amainava os conflitos existenciais e os limites diante do sofrimento. Viviam-se em um mundo marcado pela presença do sagrado.

Com a crise do pensamento clássico e a emergência da razão moderna surge uma nova forma de compreender o mundo. Ele passa por um processo de desencantamento, rompendo-se assim com aquela visão harmônica e perfeita do cosmo. O novo paradigma mecanicista, elaborado a partir da razão instrumental e fragmentada, compreende o universo como uma máquina. O homem começa a ocupar o centro do universo e o *Cogito* cartesiano passa a ser a medida de toda realidade a ser pensada pelo ser humano, desse modo, o horizonte da metafísica clássica passa por uma mudança radical, ele é projetado a partir do *Eu penso*. A nova metafísica não segue o modelo clássico que era traçado entre a ordem dos seres e o Ser absoluto. É uma metafísica da liberdade e de forte cunho subjetivo. O intenso enfoque dado às ciências naturais, através do uso do método cartesiano, sugere o domínio da natureza pelo poder da razão. Isso vai ficar evidente nas novas formas de compreender o universo, conforme expuseram Galileu e I. Newton nos seus estudos da física.

O auge do racionalismo vai acontecer com os entusiastas da razão iluminista, tentando assim, enquadrar todos os conhecimentos no paradigma do puro conhecimento racional. O Tribunal da razão é agora o mediador de todas as coisas, e a metafísica, perde de certo modo, a sua dimensão essencial, a transcendência.

É em um cenário de descrença (agnosticismo) e de profunda secularização que a pergunta sobre Deus e sobre o que a fundamenta se

tornou inquietante. Dos muitos autores da atualidade que se ocuparam em reivindicar um lugar científico e respeitado para a teologia Wolfhart Pannenberg é um deles. A sua teologia constrói, com claras habilidades, um percurso suficientemente fundamentado no diálogo com o mundo moderno. Enveredado pelas vias históricas e não perdendo de vista a antropologia como base sólida do discurso teológico, ele edifica um pensamento sólido, profundo e de grande valia para compreender as questões sobre Deus e suas implicações no cotidiano da vida humana. Não há como falar de Deus, senão considerando a criação e, sobretudo, o ser humano.

A nossa pretensão nesse trabalho é mostrar que mesmo diante da crise vivida na atualidade e dos desafios presentes em nossos dias, o ser humano não é alguém que está entregue a própria sorte. Ele tem um sentido que orienta a sua vida e esse sentido é Deus. Em toda a história da salvação, Deus vai se revelando amoroso com o ser humano, e este, por sua vez, como imagem e semelhança de Deus, está capacitado (aberto) a receber esse amor. Pannenberg propõe uma teologia que nos permite perceber que o ser humano não é suficiente em si mesmo e a razão não tem respostas para todas as questões que inquietam a existência humana.

Para abordarmos a questão da relação homem-Deus poderíamos ter enveredado por vários caminhos, já que a reflexão de Pannenberg se mostra profunda em diversos campos da teologia sistemática. Optamos pelas questões que envolvem a história e a antropologia, pois durante as leituras percebemos que essas duas temáticas são como que duas paralelas que perfazem o caminho de todo o seu pensamento, confluindo-se de forma harmoniosa no evento do fim da história. Nas entrelinhas do antropológico-histórico estaremos preocupados em mostrar como o autor aborda a relação homem-Deus no atual mundo secularizado.

O empenho do estudo é para construir uma reflexão, como já dito acima, que transita em dois pólos da teologia de Pannenberg. De um lado nós temos o ser humano situado na história. A sua antropologia se ocupa em mostrar a pessoa dotada de excentricidade, aberta ao mistério que a envolve. Nesse sentido o ser humano não é uma criatura fechada em si

mesma, mas busca continuamente o seu criador. O exemplo perfeito de ser humano é Jesus Cristo, que aberto e obediente ao projeto do Pai é a encarnação concreta do amor de Deus na história humana.

O outro pólo, o histórico, vai mostrar como se dá a revelação. A teologia de Pannenberg evidencia que a história é o lugar da revelação. Ela não se dá mais de forma sobrenatural e vertical, em que Deus se revela de maneira direta, mas no suceder dos fatos históricos Deus vai de se revelando indiretamente. Vale frisar, mesmo que a tese esteja dividida em duas partes, elas não são unidades desconexas, mas ao contrário, se complementam, formando uma unidade. A história é história humana e história de Deus que se revela. Nessa afirmação está o específico de nosso trabalho: mostrar que em Pannenberg as dimensões histórica e antropológica, não são duas dimensões separadas de sua teologia, mas elas se integram, formando uma unidade. História da salvação e ser humano fazem parte de um único projeto do Deus criador. Este argumento tem dois pilares de sustentação no pensamento de nosso autor. O primeiro afirma que o ser humano é dotado de abertura ao transcendente e ao divino, sendo *imago Dei*, seu destino é o encontro com Deus. Tal compreensão chega ao máximo de verdade com a encarnação de Jesus Cristo, pois nele Deus se faz ser humano e, já de forma proléptica, toda humanidade experimenta a revelação do amor de Deus. Cristo é a mediação perfeita que elimina a distância entre finito e infinito. Não há como falar de um Deus lá em cima e o ser humano sozinho aqui em baixo. O infinito se faz finito para o finito alcançar o infinito. O segundo pilar é a escatologia, pois mesmo já havendo antecipação da realização da esperança humana em Jesus Cristo, ela só se tornará realidade plena no fim da história.

A tese está dividida em duas partes que se complementam. A primeira, com três capítulos, busca desenvolver o conteúdo antropológico de nosso autor. Expõe as dimensões constitutivas do ser humano como corpo e espírito e procura situar a pessoa no contexto da modernidade. Nessa parte, merece atenção especial o tema da liberdade como constitutivo essencial para se entender o ser humano. A sua condição de transcendência e também o tema da abertura ao mundo, aos outros e a

Deus. O conteúdo antropológico da primeira parte prepara o caminho para posteriormente chegarmos ao teológico. É o momento em que o estudo expõe a tensão na relação homem-Deus, pois o ser humano não é somente abertura, mas também fechamento e pecado.

O primeiro capítulo levanta alguns pressupostos essenciais da antropologia, trazendo à reflexão as noções de corpo e espírito na teologia de Pannenberg. Este capítulo, ainda apresenta a relação da pessoa com a sociedade e as implicações da razão moderna na vida do indivíduo. Mostraremos que a noção de abertura ao outro é um dado relevante na antropologia de nosso autor, pois é partindo desta compreensão que conseguiremos definir posteriormente o ser humano como naturalmente religioso.

O segundo capítulo pode ser considerado uma seqüência temática do anterior, uma vez que trata de temas profundamente arraigados na pessoa humana. Nesse momento nos ocupamos em apresentar o indivíduo inserido na cultura. No processo formativo da pessoa, as noções de consciência, liberdade e subjetividade são marcantes na antropologia teológica de Pannenberg.

A consciência é que possibilita ao ser humano se identificar como indivíduo e como relação. Pela consciência o ser humano intui a ideia de infinito e, tal noção, prepara o ser humano para a sua dimensão religiosa. Também os conceitos de liberdade e subjetividade são de grande valor para se definir o ser humano no contexto da modernidade. Sem eles a definição seria mais pobre e incompleta. Esses temas são caros na antropologia teológica de Pannenberg. Caso os princípios da liberdade e da subjetividade sejam retirados do ser humano, torna-se difícil identificá-lo como tal.

Os elementos abordados neste momento lançam bases para afirmarmos a dimensão religiosa do ser humano como essencial na sua constituição como pessoa. Um dado relevante nesse capítulo é a transcendência. Para o teólogo luterano ela é fundamental para a definição de ser humano. A transcendência é uma característica do espírito e coloca a possibilidade da pessoa se abrir ao mundo e ao mistério que a envolve. É na dinâmica da transcendência que o ser humano acha as respostas mais

fundamentais para a sua existência. Ela possibilita à pessoa superar cotidianamente a sua finitude e os condicionamentos presentes em sua história. A transcendência, na sua compreensão mais pontual, não se dá na direção dos dados empíricos, mas na busca de unidade com o Absoluto, ou seja, com o divino. A pessoa, ao dar conta de si mesma, no uso da linguagem e da razão, formula na cultura a superação dos seus limites, transcendendo o mundo e a natureza. Os temas da transcendência e da história já antepõem a proposta escatológica de nosso autor. Na história, a pessoa participa de seu evoluir como espírito, transcendendo-a no suceder dos fatos, avançando até a sua plenitude. A história favorece ao ser humano um constante transcender das situações provisórias do seu percurso, constantemente a pessoa almeja algo mais e a sua realização plena se dará em Deus.

O terceiro capítulo fecha a primeira parte do estudo. Ele é de grande relevância para compreendermos o que virá posteriormente. É neste capítulo que procuraremos demonstrar o pensamento do autor no que se refere ao fundamento antropológico para a questão religiosa. Aqui buscaremos entender a dimensão de abertura do ser humano para Deus e as implicações da mesma. Para afirmar esse dado, fez-se necessário tratar a abordagem bíblica e algumas outras abordagens do tema da imagem e semelhança de Deus na história cristã. Deste modo, a afirmação bíblica “façamos o homem a nossa imagem e semelhança” torna-se de muito peso para compreender o dado religioso no ser humano, dado este, que já se faz presente desde a origem da criatura. Nosso autor mostra que a história é o lugar onde a pessoa tem condições de realizar a sua imagem e semelhança com Deus. O modelo perfeito de imagem e semelhança com Deus é Jesus Cristo. Ele é a plenitude da dignidade humana e revela a imagem do homem novo, como esperança escatológica já realizada na história.

Além de pontuar alguns elementos na temática da *imago Dei*, o trabalho procura expor neste capítulo a validade da dimensão religiosa da pessoa. Os temas da confiança e da abertura são características do homem religioso. A pessoa como identidade religiosa, deve ser vista de forma integral, não se esquecendo de suas necessidades físicas e

espirituais. A confiança possibilita abertura, permitindo ao ser humano adentrar-se no mundo do mistério inefável que transcende a ele mesmo. Para Pannenberg, o ser humano já é marcado em sua natureza pela dimensão religiosa. Tal dimensão não está como um penduricalho colocado nele, ao contrário, ela faz parte do ser pessoa e a pessoa só se realiza de forma integral quando se coloca na condição de abertura ao mundo, aos outros e a Deus.

A segunda parte vai de encontro à primeira no momento em que ela propõe um Deus que se revela na história. Se os primeiros capítulos demonstraram o ser humano como abertura para Deus e dotado de transcendência, nesse momento será trabalhado como Deus se revela na história humana. Para isso, usaremos os escritos de Pannenberg sobre o tratado da criação e a noção de revelação de Deus para Israel. Jesus Cristo se faz central nessa parte, pois é nele que se justifica o que foi tratado nos capítulos anteriores e justificará o que será abordado nos seguintes. Nesse sentido a cristologia de Pannenberg remete obrigatoriamente à escatologia que será conclusiva nesse trabalho. Ela representa a esperança futura já realizada em Jesus Cristo.

O quarto capítulo abre a reflexão propriamente teológica com o tema da revelação de Deus na história. É um capítulo essencial para compreender a teologia de Pannenberg que prima pela fundamentação histórica. Aqui recordaremos o tema da revelação para o povo de Israel, passando pela criação, sustentação e governo do mundo. Os temas da eleição, pecado e infidelidade, bem como libertação, são significativos na teologia de nosso autor. Deus salva e liberta na história, entretanto a revelação plena da história se dará no futuro escatológico com a junção de todos os momentos vividos.

O capítulo quinto, para nós cristãos, é primordial. Ele trata a cristologia de Pannenberg. Jesus é o fundamento de nossa fé e o mediador de nossa salvação. Para o teólogo alemão, Jesus é o protótipo de ser humano e por sua paixão morte e ressurreição ele se torna certeza para nosso futuro. Nosso autor mostra que Jesus é o sentido último da história humana. Nesse momento da pesquisa exporemos como Pannenberg reconhece a universalidade da salvação de Jesus Cristo.

Não estaremos preocupados em mostrar os debates doutrinários e dogmáticos sobre Jesus, mas em apresentar Jesus Cristo como o ponto mais alto da revelação divina. Os temas da encarnação, da obediência ao Pai e do reino de Deus marcam a cristologia do teólogo luterano. Com a paixão, morte e ressurreição de Jesus, o ser humano alcança a verdadeira liberdade e se reconcilia de forma definitiva com Deus.

O último capítulo procurará desenvolver, através da relação transcendência e história, a harmonização entre pessoa que se abre e Deus que se revela. A escatologia de Pannenberg não é ahistórica. Ela se faz determinante para se compreender o futuro histórico do ser humano. Cristo é o centro unificador da história e a escatologia harmoniza presente, passado e futuro em uma totalidade perfeita. Aqui, não terá como não voltar a alguns elementos da cristologia, pois é na ressurreição de Jesus que a realidade futura já se faz presente, de forma proleptica na história humana. Deus já realizou em Jesus Cristo o que acontecerá com cada pessoa e o desfecho final da vida humana é a participação no amor infinito do Deus triuno.